

Collor x Lula

*Marcio Moreira Alves **

O Brasil é um estranho país onde o desenvolvimento das forças produtivas não corresponde a uma modernização da supra-estrutura política, ideológica e institucional.

Ainda temos o mais moderno aparelho estatal do Terceiro Mundo. Autocrático, como é da nossa tradição e do gosto dos militares que o montaram, mas capaz de estender serviços básicos, fiscalização e policiamento a todo o território nacional. Temos, de muito longe, o mais complexo parque industrial ao sul do Equador. A agricultura de exportação revelou-se capaz de contribuir para o aumento das taxas globais de crescimento, fato raro entre os países pobres. Conseguimos criar alguns núcleos de excelência na investigação científica, na informática, na medicina. A um desses grupos de homens e mulheres que hasteiam o pecado do orgulho, recusando-se a ser subdesenvolvidos, passei recentemente a dever a vida. Finalmente, somos o único país subdesenvolvido a dispor de uma rede de instituições de crédito plenamente nacional, altamente tecnificada e capaz de, quando as condições de normalidade se derem, cobrir as necessidades de financiamento da produção em qualquer ponto do país.

Face a essas vantagens materiais sobre os demais países do Terceiro Mundo, temos uma tradição política de um primitivismo surpreendente. Neste campo, estamos mais para a África Equatorial do que para a Europa Mediterrânea ou o Cone Sul da América. Não temos tradições partidárias, hábitos de discussão ideológica ou sequer de tolerância para com opositores. Saímos de uma longa ditadura militar infectados pelo autoritarismo. Deixados por conta própria, temos todos um ditador escondido dentro da cabeça e a lei do mais forte como principal preceito constitucional a ser obedecido. O "sabe com quem está falando?" é um vício cultural que nos apanha a todos, do guarda da esquina ao Ministro do Exército, passando por todos os doutores e os endinheirados desta terra. Mas, quem sabe esse subdesenvolvimento político não estará acabando agora, depois da festa do 15 de novembro?

O distanciamento entre a nossa sociedade capitalista industrial moderna e os seus mecanismos de discussão ideológica começa a ser superado no segundo turno das eleições. Estando o embate colocado entre Collor e Lula, deixamos para trás o mero choque de personalidades, para confrontarmos projetos de sociedade.

Desde o Império se diz não haver nada de mais parecido com um governo conservador dos saquaremas do que um ministério liberal dos luzias. A República continuou a prática que, na verdade, retratava uma vida política limitada às disputas no interior da classe dominante.

A derradeira mutação das pelejas do imobilismo tomou a cara do populismo. Vargas, Jango e Brizola, em essência, eram próceres das classes dominantes que se apresentavam como "pais dos pobres" apenas para fortalecer, com o apoio popular acrílico, as suas posições pessoais na partilha de um poder exercido dentro de sistemas de divisão da riqueza social que pouco mudavam. A eliminação de Brizola da disputa final da Presidência varre esse tipo de forças da luta pelo poder a nível nacional. A nível regional, elas

poderão sobreviver algum tempo, onde o caudilho decidir amarrar o seu bagual — no Rio ou no Rio Grande do Sul.

A afirmação do PT como segunda força eleitoral nestas eleições abre a perspectiva de lastrearmos as eleições futuras na discussão real de projetos de sociedade que correspondam a visões de mundo de forças sociais organizadas e diferenciadas. O que diferenciará esses projetos — os do sindicalismo urbano e rural dos projetos da burguesia e das categorias sociais que obedecem à sua liderança ideológica — será muito menos a personalidade das lideranças do que a verdadeira mola das contradições sociais: a decisão sobre a parte da riqueza socialmente produzida que fica como remuneração do trabalho ou como lucro do capital.

Colocado o conflito nestes termos, será mais fácil se encontrarem interlocutores sociais responsáveis, como os que existem na Europa das grandes centrais sindicais e das organizações patronais que falam responsabilmente pelos seus associados.

O processo de discussão ideológica no interior do PT tem reproduzido quase exatamente a história do movimento social democrata europeu do final do século passado e princípio deste século. A recusa de alianças, o obreirismo, o temor de assumir posições de governo, por saber da impossibilidade de implantar, em um único período, todo o programa socialista, parecem xerox das discussões ocorridas na Suécia, Alemanha e Inglaterra, ao final da Primeira Guerra Mundial. Serão ultrapassadas pela realidade dos fatos e o amadurecimento que a práxis política trará ao partido.

O duelo Collor versus Lula será muito provavelmente resolvido a favor de Collor. O atraso cultural e político do Brasil, os preconceitos populares contra um Presidente de origem operária, o controle dos meios de informação pelas classes dominantes e, finalmente, o real substrato conservador existente em setores populares e majoritário nas classes médias e na classe dominante tornam extremamente improvável uma vitória do PT. No entanto, ao perder, o PT moderniza também. Em torno do único partido que procura se estruturar segundo modelos do mundo industrializado, deverá formar-se o núcleo da oposição ao Governo recém-eleito. Em consequência desta liderança partidária, os conflitos e eventuais acordos que ocorrerão terão como eixo as questões sociais do Brasil e não apenas os interesses pessoais de políticos ou de grupos regionais de interesses econômicos.

E o Governo de Fernando Collor de Mello, o que será? Simplesmente um novo governo das elites brasileiras, dentro da tradição histórica iniciada em 1822. Ao longo deste mais de século e meio houve governos melhores e piores para o desenvolvimento do país e o progresso das condições de vida das massas populares. O de Juscelino, por exemplo, foi melhor do que o de Sarney.

Por que o próximo Governo haverá de ser forçosamente tão catastrófico quanto aquele que agora se encerra? Razão não há. Até, ao contrário, a tendência é que seja melhor, dada a legitimidade eleitoral que lhe abre perspectivas de entendimento em torno de programas específicos com as demais forças políticas do país.

* Marcio Moreira Alves, jornalista, doutor em ciências políticas pela Sorbone, Paris, é diretor da Brain Trust, empresa de consultoria política